

REUNA

Nº 1 - Janeiro

Revista de Economia da UNA

SISTEMA FINANCEIRO

Novos caminhos

TOMAS O
O que acontece
na sociedade
de lazer

BOENAS CIDADES

Sua importância
no Brasil atual

33(05)

Título: REUNA : Revista de Economia da
UNA.



100974
68944

n.1, jan. 1996 UNA BR

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pela Biblioteca "Rosemeire de Fátima Machado" da UNA)

Economia, Idéias e Riquezas, v.1-, n.1-,
jan. 1996 - . Belo Horizonte: Faculdade
de Ciências Gerenciais da UNA, 1996 -
v.:il. ; cm

Irregular
ISSN:

1. Economia-Periódicos. I. Faculdade de
Ciências Gerenciais da UNA. II. UNA-Ciências
Gerenciais, ed.

CDU - 33(05)

Editorial

A abertura de uma revista especializada procuraria normalmente e, com certeza, por razões de reconhecimento e apreço, um economista brasileiro de reputação.

O que se busca nesta apresentação é evidenciar que a contribuição que se inicia na crítica à economia tentará simplesmente ser um enfoque: se novo, não importa; se avançado, a crítica o dirá; se nulo, todos comentarão logo. Sempre tentar.

Mas a instituição vai insistir, pois a geração de um pensamento com diretriz para a equação da riqueza certamente exigirá muita lavra, e da muito árdua.

Assim, em homenagem e respeito aos economistas e ao público, coincidentemente, na abertura acadêmica de 1996, aproveitarei como mensagem a reflexão da revista "The Economist", quando

olha para este mesmo ano econômico em antevisão mundial, com referências ao Brasil.

O seu conteúdo é de indiscutível valor e aos dirigentes políticos e agentes econômicos desta terra nacional se pede a humildade de repensar o compromisso de transformar o país e formular agora o nacional desafio ao progresso em vez de dissipar sua energia em perpétuas promessas.

“EMERGENTES E SUBMERGENTES

Após a crise do México, a imagem de todos os mercados emergentes como sendo zonas de desenvolvimento homogêneo, onde não há risco de se perder dinheiro, ficou bastante abalada.

Haverá mais mercados emergentes que submergentes no mundo, em 1996. Mas *ambos* existirão. E não confie naquele seu especialista em investimentos favorito para indicar qual país é o quê. Países como a China, Rússia e Brasil são símbolos das grandes oportunidades que se abrem. Mas estes países são tudo - menos uniformemente auto-sustentáveis.

O *macro* não pode ser separado do *micro* para sempre. Um mercado emergente não terá sucesso a não ser que a economia em que se insere também seja bem sucedida. A idéia de se fazer dinheiro no mercado de valores do Paquistão, enquanto o governo daquele país vai “enrolando” o déficit orçamentário e aumentando a disponibilidade de dinheiro, poderá custar caro no final, apesar do preço atrativo de alguns dos seus ativos. A China não pode continuar a imprimir

dinheiro para as suas empresas estatais sem incorrer em inflação alta, o que acabará por minar o processo de reforma. E a Índia não pode atingir crescimento acelerado se continuar mostrando baixo nível de liberalização econômica, comércio exterior insignificante e taxas ínfimas de poupança decorrentes de um setor estatal perdulário e corrupto.

Os critérios de sucesso podem ser divididos em cinco grupos. Em primeiro lugar, fatores culturais: as pessoas no país considerado tem realmente o desejo de enriquecer por meio de educação, trabalho árduo e iniciativa empresarial? Em segundo lugar, políticas públicas: o governo adota políticas que

“O macro não pode ser separado do micro para sempre. Um mercado emergente não terá sucesso a não ser que a economia em que se insere também seja bem sucedida.”

encorajam a poupança ou gasta improdutivamente? Terceiro, a situação da economia doméstica: a poupança e os investimentos apresentam níveis suficientemente altos para gerar crescimento sem inflação e sem depender excessivamente dos investimentos vindos do exterior? Quarto, adaptabilidade externa: a economia está aberta o suficiente ao comércio global, e os custos do trabalho são baixos o suficiente para permitir competitividade no mercado mundial? Finalmente, fatores sociais: as despesas do governo estão voltadas para a elevação da qualidade do capital humano e da infra-estrutura, e são os frutos do crescimento distribuídos com justiça?

Um governo bem sucedido em um mercado emergente sempre inicia o processo reduzindo sua presença na economia, equilibrando suas contas, liberando mercados e garantindo alguma margem de independência a seu banco central. Em outras palavras, o catalisador para um mercado emergente é a despolitização da administração da economia, como parece ser o caso da Rússia hoje.

Então, no tempo certo, o portfólio de investimentos decola e o investimento estrangeiro direto vem em seguida. É a combinação dos dois que impulsiona os mercados de valores, através do aumento da liquidez doméstica. Isto acontece porque a maioria dos bancos centrais das economias em reestruturação hesita em permitir a valorização de suas moedas, pois a necessidade de aumentar as exportações os leva a temer que os produtos de seus respectivos países sejam alijados do mercado internacional devido a seus altos preços.

O investimento externo tem menos impacto na liquidez doméstica que o investimento em ações e títulos porque uma parcela maior dele é reciclado através de bens de capital e, posteriormente, importações. Se o investimento é feito em áreas pouco exploradas, as exportações crescem substancialmente. Se é feito, por exemplo, na compra de um monopólio estatal de telefonia, então as exportações não são beneficiadas. O primeiro caso caracteriza o Leste Asiático, o segundo a América Latina.

A próxima fase no processo de reestruturação da economia ocorre porque os bancos centrais não podem continuar indefinidamente a trocar, digamos *baths* por *dólares*, e a aumentar sua própria liquidez (e taxas de investimento) através da importação de enormes quantidades de capital. Proceder assim traria inflação ou superaquecimento. Temos, então, por exemplo, as tensões do mercado de trabalho e a intervenção do governo para tentar controlar os preços, no caso da Malásia; a “bolha” de liquidez na Tailândia, e os inacessíveis preços de imóveis em Hong Kong. Cedo ou tarde, todas as economias bem sucedidas em sua reestruturação tem que interromper os influxos excessivos de capital que aumentam a disponibilidade de dinheiro a nível doméstico.

Isso significa utilizar a variação da taxa de câmbio como uma foice monetária. Uma moeda fortalecida manda um sinal mercadológico aos produtores: promovam seus produtos no mercado e aumentem a produtividade, ou irão perder competitividade no mercado doméstico e de exportação. As atividades que envolvem baixo valor agregado tendem a ser reduzidas ou eliminadas, sendo substituídas por aquelas que se voltam para níveis mais altos dentro do mercado.

Veja o exemplo da Ásia: é como um trem sendo puxado pelas locomotivas de alta tecnologia de Taiwan, Hong Kong e Singapura, e empurrado por produtores super-baratos como China, Índia e Vietnã. Em áreas em que a Tailândia era competitiva no ano passado, a China este ano é mais. A venda de produtos de exportação tailandeses como têxteis, brinquedos e sapatos está em queda, enquanto os mesmos itens são exportados pela China em quantidades cada vez maiores. A solução para a Tailândia é mover-se na direção de uma vagão mais à frente, ou seja, concentrar-se na produção de itens de tecnologia mais alta.

O trem tem que continuar a mover-se para a frente, pois o desenvolvimento da Ásia não é uniforme, em suas várias regiões. O catalisador do desenvolvimento asiático é agora o comércio intra-regional. A competição dos países asiáticos entre si impulsiona seu desenvolvimento mais do que a competição com os Estados Unidos ou Europa.

Uma taxa de câmbio em elevação também torna os importados mais acessíveis. Os níveis de comércio entre o Japão e os países em desenvolvimento ilustram este ponto. Todas as economias Asiáticas, com exceção da Indonésia, importam de mais do que exportam para o Japão. Isto os coloca em vantagem em termos de comércio e inflação importada, se deixam suas moedas se valorizarem frente ao yen.

Não surpreende que o Leste Asiático se situe em posição de vanguarda entre os mercados emergentes - e com ampla vantagem. Sem dúvida, as economias do Leste Asiático ocupam os oito primeiros lugares entre os casos de sucesso. A Europa Central e os países da antiga União Soviética parecem pálidos, por comparação. Mas ainda assim oferecem melhores oportunidades que o grosso dos países africanos e o cinturão da Ásia. A América Latina aparece ligeiramente à frente do Sul da Ásia.

O Leste Asiático oferece as melhores políticas governamentais e as economias mais fortes. Mas a Europa Central, por seu turno, apresenta altos índices de alfabetização e baixo crescimento populacional. Os níveis muito baixos de salários dão ao Sul da Ásia uma vantagem competitiva em mercados mundiais. O Oriente Médio e a Europa Central lideram quanto a gastos com educação e saúde.

A África sub-sahariana mostra as piores pontuações em todas as categorias, exceto com relação a fatores sociais, com investimentos relativamente altos em educação e saúde. Mas seus níveis de alfabetização ainda são baixos. O que, somado a altos índices de crescimento populacional e poucos investimentos e poupança, a coloca bem atrás em termos de economia e cultura.

A América Latina apresenta níveis de alfabetização relativamente altos, bom influxo de investimentos externos e forte potencial exportador, mas sua poupança e níveis de



Agência Minas

investimento são baixos para os padrões asiáticos, e sua inflação, dívida externa e gasto governamental são altos.

Existem prováveis emergentes e submergentes em cada uma destas regiões. No Leste Asiático, as Filipinas irão aparecer como perdedores em 1996. Por outro lado, o Chile deverá ser um vencedor, numa região que se ressentiu tristemente na falta de sucesso. Na Europa Central, a pequena Eslovênia é a melhor aposta. E os investidores devem estar atentos à Tunísia, o único país da África demonstrando potencial.

Mas cuidado com o Brasil e a Turquia, dois mercados que tem sido populares demais entre os investidores globais; e evitem a África do Sul, um dos atuais favoritos."

Roche, David - "Mergers and Submergers" - Edição especial de *The Economist-Publications*, Dezembro, 1995. Tradução: Polatscheck, Francisco G., UNA Internacional.

Ao encerrar esta apresentação quero saudar a todos os que amam este país e conchamá-los a colocar sua disposição em exercício real.

O saber é o novo paradigma da riqueza das nações. É preciso entender!

Honório Tomelin
Diretor-Executivo

Leia neste número



Reprodução

Porque a Recessão não Derruba a Inflação no Brasil?

Desde o início da década de 80 assistimos as mais variadas tentativas, implementadas pelo governo para reduzir o ritmo inflacionário no país. O Professor Carlos Alberto Júnior faz uma análise da política econômica do atual governo e suas práticas recessivas para derrubar a inflação.

Página 29

Novos Caminhos para o Sistema Financeiro Nacional

A série crise que o Sistema Financeiro Brasileiro vem atravessando é discutida pelo Professor Lamartine Sacramento Filho.

Página 51



Reprodução

Seguridade Social

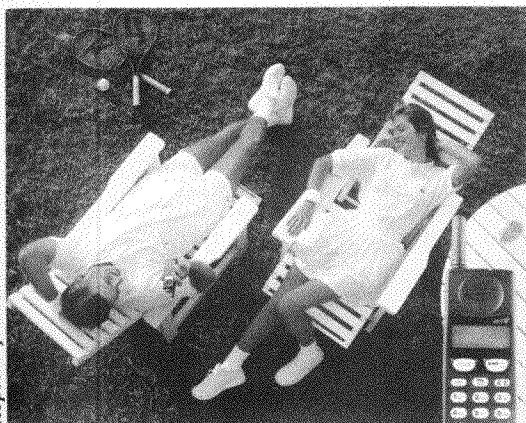
Em praticamente todas as Sociedades Contemporâneas existe alguma forma de Seguridade Social. O artigo do Professor Ivo Villani é uma reflexão sobre os problemas estruturais que envolvem os sistemas de Proteção Social.



Página 11

Reprodução

A Automação e a Sociedade do Lazer



Reprodução

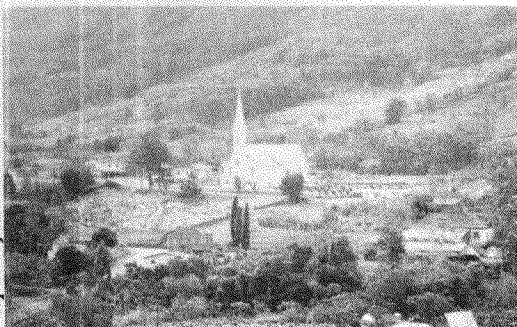
A crescente automação da Vida Moderna trouxe mais tempo para ser gasto em atividades de lazer? - a idéia, amplamente aceita na década de 60, é assunto de discussão no artigo do Professor Sérgio Birchal. Veja o que realmente ocorreu com a anunciada "Revolução do Lazer".

Página 21

As Pequenas Cidades e sua Importância

Mesmo passando despercebidas, as pequenas cidades vêm consolidando sua importância no cenário urbano brasileiro.

Página 41



Reprodução

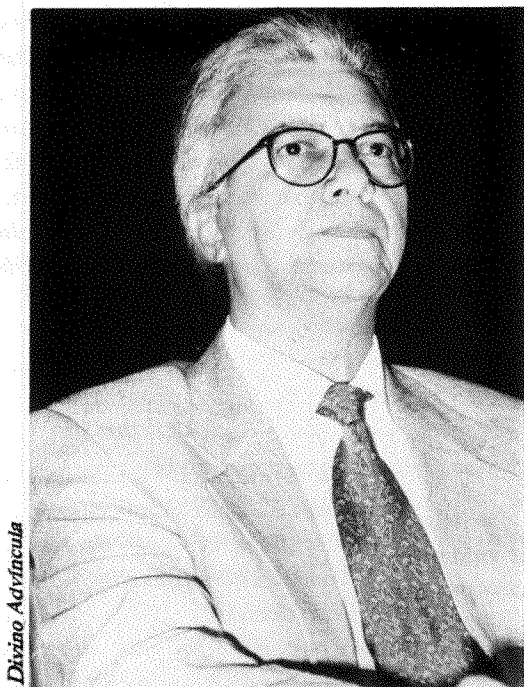
Sumário

- *Apresentação* 07
- *Carta de Princípios* 08
- *Seguridade Social: Uma Preocupação Mundial*
Prof. Ivo Villani Marques 11
- *A Automação e a Sociedade do Lazer*
Prof. Sérgio de Oliveira Birchall 21
- *Os Novos Paradigmas Tecnológicos e as Estratégias de Promoção Industrial*
Prof. Carlos Maurício de Carvalho Ferreira 24
- *Porque a Recessão não Derruba a Inflação no Brasil?*
Prof. Carlos Alberto de Resende Júnior 29
- *As Pequenas Cidades e sua Importância Sócio-Econômica no Brasil Atual*
Prof. Frederico Poley Martins 41
- *Quando um Padrão Monetário está Fundamentalmente Correto?*
Dr. Carsten Detken 46
- *Novos Caminhos para o Sistema Financeiro Nacional*
Prof. Lamartine Sacramento Filho 51



Divino Advíncula

Apresentação



Divino Advíncula

Sou favorável à publicação da Revista de Economia da UNA, embora conheça a existência de umas oito que circulam por aí. Saio em defesa da nova revista e apresento os argumentos.

1º) Revista é informação, esclarecimento, discussão, debate, crítica, enriquecimento. É mais um espaço para a resenha crítica da literatura econômica, da análise da conjuntura brasileira, mineira e local. É também para a divulgação de índices econômicos. Os professores do Departamento de Economia da FCG/UNA terão uma tribuna onde expressarão livremente seu pensamento sobre questões relevantes no campo da economia, quer na área teórica, quer na área prática.

2º) O curso de Economia (da UNA) necessita ir além do ensino em sala de aula, com projetos de pesquisa e de extensão. Daí, a importância de uma revista que veicule o resultado destes projetos. Este é o momento, a meu ver, em que os alunos perceberão com mais clareza quão importantes são a teoria econômica e as disciplinas instrumentais e auxiliares de que dispõe o economista, como Matemática, Estatística, Sociologia, História, Contabilidade, para a identificação de problemas econômicos, sua análise técnica, sugestão de medidas e realizações de previsões.

3º) A veiculação para além dos muros da instituição do debate que brotará com a criação da revista. As idéias terão maior circularidade, estimulando o intercâmbio da projeção acadêmica e profissional entre instituição da mesma área de interesse. Eis uma oportunidade para apresentar o interesse e o estímulo científico da instituição ao público externo. Isto certamente serviria como diferenciador de mercado dos serviços prestados pela UNA no campo do ensino e atrairia jovens com potencial para carreiras de sucesso na área gerencial e, em especial, na de Economia.

Essas são algumas razões que me levam a apoiar e a aplaudir a publicação de uma nova Revista de Economia.

*Prof. João Gomes Filho
Diretor da Faculdade de Ciências Gerenciais da UNA.*